



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br


Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **5 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 9 de agosto de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO "Mercados só estão se ajustando a uma recuperação fraca".....	1
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO Mantega promete melhorar ajuste fiscal.....	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
AGÊNCIA BRASIL Governo vai ao Congresso explicar medidas contra a crise internacional	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
O DOCUMENTO Governadores devem apresentar proposta unificada de Reforma Tributária nesta terça-feira	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
BRASIL ECONÔMICO-SP Ministros vão à câmara discutir crise global	6
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO 'Mercados só estão se ajustando a uma recuperação fraca'		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Agora, uma recuperação requer mais estímulo monetário, especialmente nos Estados Unidos, afirma economista

Gregor Peter Schmitz e Thomas Shulz, Der Spiegel - O Estado de S.Paulo

ENTREVISTA

Kenneth Rogoff, economista

Os temores de um duplo mergulho na recessão aumentaram após este tumulto que se verifica nos mercados de ações e o rebaixamento dos Estados Unidos. Nesta entrevista, o economista de Harvard, Kenneth Rogoff, critica o presidente Barack Obama por ter cedido ao Tea Party nas negociações sobre o teto da dívida e afirma que a zona do euro precisa se tornar uma "união de transferências".

Com a turbulência que se verifica nos mercados acionários globais, o mundo está diante de um novo caos financeiro?

Os mercados estão simplesmente se ajustando à realidade de uma desaceleração constante e uma recuperação muito fraca. Descubrem que não veremos um boom tão breve. Os especialistas em previsões de Wall Street e muitos bancos centrais já estavam acreditando que havia uma forte tendência à recuperação. Mas novamente entenderam errado a situação, pois insistem em querer usar as recessões comuns no pós-guerra como referência. Mas esta é uma recuperação pós-crise financeira, algo mais raro e muito diferente.

Que efeito tem essa percepção?

A noção de que se trata apenas de uma forte recessão, a "Grande Recessão" levou a decisões políticas equivocadas, como o fim prematuro do afrouxamento quantitativo pelos Estados Unidos, e a crença de que na Europa já estaria iniciando uma forte recuperação que salvará tudo, permitindo que as autoridades políticas evitem adotar decisões mais duras com relação à dívida dos países periféricos. Na realidade, o que temos é um tipo de desaceleração econômica que deveria ser melhor chamada de "Segunda Grande Contração", porque envolveu uma contação prolongada dos balanços globais muito inchados e um aperto do sistema de

crédito. Agora, a recuperação requer mais estímulo monetário, especialmente nos Estados Unidos.

Isso é provável? No momento, nos EUA o foco do debate é o corte das despesas do governo e a redução da dívida do país. Uma inflação mais alta seria um meio de resolver o problema?

Se por acaso você está na direção de um banco central, tem que estar ponto e ser capaz de resistir à opinião popular. Muitas pessoas acham que falar de uma inflação, mesmo moderada, é uma heresia. Mas estamos num total vendaval por aqui. Não digo que devemos ter uma inflação de dois dígitos ou uma hiperinflação. Mas acho que os bancos centrais deveriam permitir que o núcleo da inflação suba um pouco mais do que os normais 2%. Embora acredite que o estímulo monetário virá, estou preocupado que não seja eficaz o suficiente para ter algum efeito material sobre esses balanços.

Por que um calote seletivo de alguns países europeus seria menos nocivo do que, digamos, um calote do governo americano?

Grécia, Portugal e Irlanda são países minúsculos. Grécia e Portugal em especial estão nos primeiros estágios para se tornarem economias avançadas. Ainda estão mais próximos dos mercados emergentes. E os mercados emergentes sempre que declararam moratória não derrubaram a economia global. Se os EUA ou a Alemanha dessem um calote da sua dívida, a questão seria totalmente diferente. Não quero dizer o tipo de moratória técnica que os EUA declarariam se o Congresso não tivesse elevado o teto da dívida. Se essa tolice tivesse se verificado, seria rapidamente corrigida, embora pudéssemos sofrer alguns prejuízos duradouros. Mais provavelmente, os Estados Unidos teriam que pagar taxas de juros ligeiramente mais altas nas próximas décadas. Mas a situação americana é bem diferente da Europa, onde alguns países estão fundamentalmente falidos.

Se o sr. analisa a reação histórica dos mercados financeiros, os políticos ainda têm uma chance de impor um limite para o poder dos especuladores?

Os mercados acionários tiveram um crescimento muito rápido. Agora percebem que foram exageradamente

otimistas. Wal Street, o Federal Reserve e outros, todos apostaram num crescimento vigoroso e estavam totalmente errados.

O que os políticos dos dois lados do Atlântico fizeram de errado durante as recentes crises financeiras?

Não consigo entender como o presidente Obama fez tantas concessões nas recentes negociações envolvendo o teto da dívida. Ele tinha todas as cartas na mão e ainda assim se curvou diante do Tea Party. Ele deveria ter dito: "Não negocio com terroristas. Se vocês desejam derrubar os **mercados** financeiros, é seu problema. Eu pretendo me comportar normal e responsabilmente". Em vez disso, acabou fazendo enormes concessões, o que debilitou a sua presidência. Talvez os danos não sejam duradouros, mas da próxima vez o presidente poderá ter que provar, para ele ou ela, que está disposto a aceitar um calote técnico curto em vez de dar-se por vencido.

E os europeus? A chanceler Angela Merkel relutou muito no caso de um socorro financeiro para a Grécia.

Não é fácil para um político fazer algo que tem ser feito mas é impopular. A Grécia necessita de um maciço plano de reestruturação. Portugal também, e provavelmente a Irlanda. No final, a Alemanha terá que garantir toda a dívida do governo central na Espanha e Itália e isso será muito doloroso. Se Itália e Espanha devem se manter na zona do euro, então infelizmente os alemães precisarão admitir que a

Europa vai ser uma união de transferência durante algum tempo ainda.

Existe uma alternativa?

Claramente, foi um erro permitir a adesão dos países do sul da Europa prematuramente, mas agora não há outra maneira de pagar pela dívida deles senão por meio dessas transferências. Gostaria de dizer que se trataria de um único pagamento, mas acho que ninguém na Alemanha acredita nisso e não deve mesmo acreditar. Este é um problema de longo prazo. Naturalmente, a Alemanha deve exigir grandes concessões políticas, como a instalação de um presidente europeu ou um ministro das finanças europeu poderoso.

O crescimento arrefeceu na China também. De onde virá o crescimento global no futuro?

Os **mercados** emergentes estão desacelerando menos no momento. Mas as autoridades nesses países precisam tirar da cabeça que vai haver uma grande recuperação cada vez que crescem um pouco. Isso não ocorrerá enquanto os níveis de dívida continuarem altos. Poderemos ver um crescimento moderado em média de apenas 1% ou 2% em muitos países avançados nos próximos três a cinco anos. Não é o fim do mundo. / TRADUÇÃO DE TEREZINHA MARTINO

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Mantega promete melhorar ajuste fiscal		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Ministro diz que, para combater o agravamento da crise externa, resultado vai ser melhor a cada mês e não aceitará aumento de gastos

Adriana Fernandes e Célia Froufe - O Estado de S.Paulo

BRASÍLIA

Depois de uma longa reunião de avaliação da crise internacional com a presidente Dilma Rousseff, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, deu a senha de como o governo vai atuar. A equipe econômica vai tentar melhorar os resultados fiscais, fortalecer as empresas e adotar novas medidas cambiais para proteger a economia de ataques especulativos e dos "desesperados que vão surgir por aí".

"Prometo a cada mês uma surpresa no campo fiscal. Cada vez ter um resultado melhor", disse o ministro ontem. Para ele, essa seria a forma de o Brasil se distinguir dos demais países. E aproveitou para advertir que não aceitará aumento de gastos e que não é hora de trabalhadores pedirem reajustes salariais.

Segundo o ministro, será preciso atuar com mais força no mercado de derivativo cambial para evitar exageros na desvalorização do dólar. "Armamentos não faltam." Mantega não quis antecipar medidas, mas acrescentou: "Temos fiscal, temos reserva monetária muito maior do que tínhamos antes. Ataque cambial não vai haver aqui".

Ele previu uma "agudização" da guerra cambial com a continuação da política de afrouxamento monetário pelos EUA. e disse também que está pronto para liberar dólares das reservas internacionais para garantir crédito ao comércio exterior, se houver necessidade. Mantega acrescentou que os bancos privados e públicos estão aptos a fornecer crédito internamente.

Apesar do arcabouço que já existe para fortificar a economia local, o ministro previu que haverá "agudização" da crise no curtíssimo prazo no exterior ou uma lenta recuperação. Ele previu que a economia global caminha para uma recessão, puxada pelos países desenvolvidos.

Ainda que os países emergentes estejam mais preparados para passar pela crise, conforme Mantega, não há como ficar imune às consequências negativas do agravamento da crise. "Não podemos fazer milagres."

Na avaliação do ministro, os EUA têm uma economia semiestagnada. Ele foi ainda mais duro com a Europa, alegando que os países têm demorado para encontrar solução para seus problemas e que, também por isso, a situação se agravou. "Eles têm de parar de bater cabeça."

Ao explicar a queda das bolsas, o ministro disse que, apesar de os EUA terem sofrido um rebaixamento da nota, houve fuga dos investidores para ativos de maior segurança. Por isso, segundo ele, grande parte dos investimentos migrou para o dólar.

Armas do governo

GUIDO MANTEGA

MINISTRO DA FAZENDA

"Prometo a cada mês uma surpresa fiscal. Cada vez com um resultado melhor."

"Temos fiscal, temos reserva monetária muito maior do que tínhamos antes. Ataque cambial não vai haver aqui."

"Os bancos privados estão sólidos no Brasil."

	VEÍCULO AGÊNCIA BRASIL	EDITORIA	
	TÍTULO Governo vai ao Congresso explicar medidas contra a crise internacional		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Brasília – O governo vai explicar amanhã ao Congresso Nacional as medidas que tomou e que pretende adotar para enfrentar a crise internacional. Os ministros da Fazenda, Guido Mantega; do **Desenvolvimento**, Fernando **PIM**entel e de Inovação Tecnológica, Aloizio Mercadante, estarão no plenário da Câmara dos Deputados, em uma comissão geral que se reunirá à tarde.

Os três vão falar sobre a crise internacional, os reflexos dela no **Brasil** e as medidas de combate que deverão ser adotadas pela equipe de governo. Na oportunidade, deputados governistas e opositores farão questionamentos e devem discutir as possíveis soluções.

“Os ministros vão apresentar os programas do governo, tanto do **Brasil** Maior [programa de política industrial], como os programas de inovação e medidas futuras que serão tomadas diante do agravamento da crise internacional”, disse o líder do governo na Casa, Cândido Vaccarezza (PT-SP).


O clima, em geral, é de apoio ao que for adotado pelo governo para evitar que a crise internacional atinja o país. “O Congresso Nacional está preparado para votar medidas para combater a crise. Estamos vivendo a continuidade da crise de 2008. Para enfrentar a crise – que não é marolinha – a oposição está aberta a discutir toda e qualquer medida que

nos ajude a enfrentá-la”, disse o deputado Roberto Freire (SP), presidente do PPS.

No Senado, a oposição também se mostrou preocupada e aberta ao diálogo com o governo. O líder do PSDB, senador Álvaro Dias (PR), disse que “a crise de corrupção que atingiu o governo fez com que nos esqueçamos um pouco da crise econômica. É evidente que a oposição estará sempre disposta a contribuir, aprovando todas as medidas que o governo desejar para conter um processo que alcance o Brasil, com turbulências na área econômica”.

O senador Blairo Maggi (PR-MT), cujo partido avalia esta semana retirar-se da base governista, disse que nestas horas de crise é preciso lembrar que “perdemos todos”. “Uma coisa são os embates políticos do dia a dia. Outra é a atuação em um momento de crise. Eu não faltaria com a presidenta neste momento, porque eu estaria faltando com meu país”.

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), criticou a dificuldade que os parlamentares norte-americanos impuseram ao presidente Barack Obama para aumentar o teto da dívida dos Estados Unidos e disse que, no Brasil, o Congresso sempre encontra um “terreno comum para proteger os interesses do país”.

	VEÍCULO O DOCUMENTO	EDITORIA	
	TÍTULO Governadores devem apresentar proposta unificada de Reforma Tributária nesta terça-feira		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A mudança na política tributária do Brasil deve avançar nesta terça-feira (09.08). Está confirmada em Brasília (DF) uma reunião entre os governadores dos Estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, mais o Distrito Federal, onde será consolidada uma proposta de Reforma Tributária quanto à participação dos estados. Além do governador Silval Barbosa, Mato Grosso estará representado pelo secretário de Estado de Fazenda, Edmilson José dos Santos.

Na última sexta-feira (05.08), os secretários de Fazenda dos Estados dessas regiões debateram pontos polêmicos e acordaram uma proposta. "O texto será apresentado oficialmente aos governadores nesta reunião para que cada um possa fazer sua análise e oferecer uma contribuição de melhoria para a política tributária do País", comentou Edmilson.

O secretário de Fazenda destaca que a união entre os estados menos desenvolvidos que os da região Sul e Sudeste trará um fortalecimento para o País como nação. "A nossa proposta aborda todo o Brasil, de uma forma que nenhum Estado possua perda em relação a atual a arrecadação. Mas o futuro tem que corrigir distorções históricas, é preciso desenvolver o País por completo", explicou.

A proposta aprovada pelos secretários de Fazenda na última sexta-feira endossou a Carta de Cuiabá elaborada no II Encontro de Governadores do Centro-Oeste, acrescentando dois pontos ao debate: adoção do critério per capita por aluno matriculado na rede pública para a distribuição dos recursos oriundos da contribuição do Salário Educação; e a manutenção dos mecanismos especiais consagrados no regime tributário da **Zona Franca de Manaus**.



VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
TÍTULO Ministros vão à câmara discutir crise global		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A Câmara se reúne hoje em comissão geral para discutir a crise econômica internacional. Três ministros são esperados para o debate: Guido Mantega (Fazenda), Fernando **PIM**entel (**Desenvolvimento, Indústria e Comércio**)

e Aloizio Mercadante (Ciência, Tecnologia e Inovação). Os ministros deverão apresentar os programas de governo para suas áreas e as medidas que estão sendo tomadas para conter o impacto da crise internacional no Brasil.